

**39º Encontro Anual da Anpocs**

**SPG12: Organizações, Estado e Violência: Múltiplos Sentidos da Ação Coletiva**

**Jovens e Militantes: Movimento Estudantil Universitário, Juventudes Partidárias, e  
“Improvisação” Como Forma de Ação Coletiva**

**Autora: Adrielma Silveira dos Santos**

**Co-autor: Jonatha Vasconcelos Santos**

**Co-autor: Wilson José Ferreira de Oliveira**

## Introdução

A presente comunicação é fruto de algumas pesquisas e debates desenvolvidos no Laboratório do Estudo do Poder e da Política (LEPP) na Universidade Federal de Sergipe, que tentam compreender os processos de engajamento individual de jovens militantes em partidos políticos e no movimento estudantil universitário de Sergipe. Tendo como resultados algumas monografias concluídas e projetos de mestrados em andamento, como também a reflexão constante sobre as novas configurações e peculiaridades dos movimentos de juventude de Sergipe, a exemplo do Sarau de Baixo, juventude partidária, Levante Popular da Juventude e movimento estudantil universitário, esse *paper* analisa a ação de improvisação em eventos de protestos dos jovens estudantes engajados no movimento estudantil universitário da Universidade Federal de Sergipe (UFS), bem como o engajamento individual de jovens na militância partidária. Partindo de uma abordagem que leva em consideração o processo de construção de identidades, que analisa de forma relacional e processual o engajamento, bem como a constituição e redes sociais, questionamos os seguintes pontos: Como se dá a relação entre os movimentos de juventude de Sergipe e os partidos políticos? Quais as formas de representação pública e interna do movimento estudantil universitário sobre a relação com os partidos políticos que os mesmos se articulam? Como esses movimentos de juventudes e da militância partidária constroem sua ação durante seus eventos de protestos e reuniões internas? Para tanto, levamos em consideração algumas discussões sobre os processos classificatórios e sobre a condição de jovem na sociedade brasileira, pois acreditamos que as reivindicações e pautas defendidas pelos militantes do movimento estudantil universitário e em outros movimentos de juventude já citados, não refletem apenas problemas ligados à educação, política, cultura ou oriundos da condição de estudantes, mas suas formas de atuação/organização e seu engajamento refletem uma crise social, vivenciadas pelos jovens, por exemplo, nas periferias, na zona rural, na invisibilidade dos jovens moradores de rua, etc. Para tanto, foi feita uma revisão da literatura que se atentava para as formas de classificação dos jovens e os problemas e desafios que afligem essa categoria, bem como uma leitura atenta sobre alguns trabalhos que analisavam a ação coletiva de movimentos sociais de juventude, juventude partidária e o movimento estudantil universitário, com o objetivo de apreender as diferenças entre

esses movimentos, mas acima de tudo, identificar por meio da ação de improvisação e das formas de engajamento como a realidade dos jovens engajados em movimento de juventude é inerente e é pautada pelo movimento estudantil universitário de Sergipe. Concomitante a isso, foram realizadas observações participantes em reuniões, atos públicos, assembleias gerais, protestos, entrevistas semiestruturadas e biográficas, com militantes da juventude partidária do PSTU, PCB e PSOL, militantes do movimento estudantil universitário, entre outros movimentos aqui já expostos.

É importante ressaltar que, foi partir dos trabalhos de campo realizados durante a construção das monografias e dos projetos de mestrados, bem como a partir da revisão da literatura que entendemos que “a improvisação” dos militantes durante seus atos de protestos e suas reuniões, é uma característica fundamental para entender o modelo de organização do movimento estudantil, entender como determinadas demandas, engajamento e formas de agir dos militantes no movimento refletem a realidade social dos jovens, que extrapolam o espaço universitário. Assim, é importante entender também o espaço universitário como uma arena pública, que está sendo disputada e contestada por grupos opositores, e no caso de Sergipe, o espaço da Universidade Federal de Sergipe se configura como local chave para esses grupos se representarem enquanto grupos políticos e alternativos. A investigação até agora tem demonstrado que as pautas defendidas pelo movimento estudantil da UFS são definidas a partir das necessidades não apenas dos estudantes do campus, mas a partir de questões que extrapolam o ambiente universitário e fazem parte da agenda de outros grupos políticos relacionados.

### **Juventude e Atuação Política em Sergipe**

Os estudos sobre participação política juvenil em Sergipe, ainda que poucos, identificam um universo de grupos como as posses de hip-hop (MARCON & FILHO, 2012), os movimentos estudantis secundaristas (LISBOA, 2015) e universitário (CRUZ, 2012), os movimentos urbanos que atuam em pautas do transporte público (SANTOS, 2014) e os jovens militantes de partidos políticos (SANTOS, 2015). Apesar dos trabalhos se dedicarem as mais diferentes formas de analisar o fenômeno, eles apresentam um conjunto de elementos comuns sobre a análise entre a relação dos jovens

e administração pública do estado, entre a atuação e relação da juventude e os partidos políticos, que contribuem para a investigação sobre a composição de um cenário em que atuam e se articulam esses grupos

Com exceção do trabalho de Cruz (2012) sobre o movimento estudantil universitário em Sergipe no período de 1950 até 1985, as outras pesquisas refletem sobre a atuação juvenil de grupos que surgiram a partir dos anos 2000. Esses coletivos atuam na periferia, como descreve Marcon e Filho (2012) sobre a intensa atuação do grupo de hip hop Aliado Pelo Verso (ALPV)<sup>1</sup> nas zonas norte e oeste de Aracaju, a capital de Sergipe, onde estão localizados alguns bairros periféricos, mas também, outros movimentos como o Não Pago que influenciado por suas pautas de reivindicação atua no centro e o coletivo Debaixo<sup>2</sup> que realiza intervenções urbanas e culturais no centro-sul da capital. As pautas de reivindicação dos jovens que atuam na cidade são bastante diversificadas, e demandam desde o direito à cidade, o acesso democrático à cultura, a melhoria do transporte público, a visibilidade e não discriminação dos negros, indígenas, mulheres e grupos LGBT, até o impeachment da presidente Dilma em 2015 ou os “bons costumes morais”. Com isso, é possível perceber que o cenário de atuação juvenil a partir dos anos 2000 em Sergipe é composto por um conjunto heterogêneo de grupos que constituem alianças com outros movimentos sociais e partidos políticos, reivindicam causas específicas e ocupam o espaço público.

Se a análise da literatura desenvolvida a partir dos estudos sobre os movimentos de juventude em Sergipe revela alguns aspectos como a heterogeneidade na ocupação da cidade e nas pautas de reivindicação dos grupos, a realização de uma etnografia dos recortes de jornais eletrônicos veiculados no estado, permitiu apreender outros dados que nos auxiliam a perceber o cenário da participação política juvenil no Estado.

A inserção no estudo desses grupos através da observação participante, da análise de recortes de jornais ou a realização de entrevistas, possibilitou perceber que os itinerários políticos desses jovens são constituídos em espaços de socialização política diversos como a Universidade Federal de Sergipe com os Centros Acadêmicos (CA), o

---

<sup>1</sup> É um grupo de jovens que atuam na periferia de Aracaju, principalmente nas zonas norte e oeste, através de intervenções no espaço urbano e em escolas com eventos ligados ao hip hop e tem como principal pauta a marginalização da juventude da periferia.

<sup>2</sup> O coletivo Debaixo é também um grupo protagonizado por jovens e que tem como principal pauta o direito a cidade e democratização cultural.

Diretório Central dos Estudantes (DCE) e o movimento estudantil universitário, os sindicatos e centrais de representação profissionais, sindicatos da área de educação, partidos políticos, etc. Essa relação entre espaços de formação política dos jovens e o apoio de organizações políticas institucionalizadas em eventos de protestos organizados pela juventude ou nos processos eleitorais do DCE na UFS, é fundamental para pensar as alianças e os processos de mediação entre os movimentos de juventude, os partidos políticos e os sindicatos. Apesar de haver uma caracterização comum em parte da literatura brasileira, como salienta (MESQUITA, 2003, 2008) de que os movimentos de juventude, em sua maioria, se desenvolvem a partir de uma relação de distanciamento dos partidos políticos, sindicatos e outras formas de práticas políticas “tradicionais”, a pesquisa tem demonstrado que, em Sergipe, a formação e atuação política juvenil se relacionam com, por exemplo, os partidos políticos e sindicatos profissionais.

Tendo em vista esse contexto, a necessidade de construir uma abordagem relacional sobre as intersecções entre os movimentos de juventude e as instituições tradicionais da política brasileira é fundamental. Para isso, utilizaremos a noção de campo relacional presente em Goldstone (2004), redes sociais em (Mische, 1996, 1997, 2008) e engajamento múltiplo em Combes (2009). Esses conceitos permitem compreender os contatos que os movimentos sociais de juventude, o movimento estudantil na UFS e os partidos políticos estabelecem em suas relações de aliança e oposição, por exemplo, na elaboração de um ato de protesto.

A partir das observações coletadas, classificamos as relações entre os movimentos sociais de juventude, os partidos políticos e movimento estudantil universitário em três tipos: as relações orgânicas ou de composição; o apoio material com a ajuda em recursos como caixa de som, mini trio e espaços para a realização de eventos; e as afinidades de causas, pautas e demandas. A proposta de síntese das dimensões de interações entre os movimentos sociais, os partidos políticos e a administração pública apresentada acompanham os focos de análise desenvolvidos pelos estudos sobre o engajamento múltiplo com o exame da multiposicionalidade<sup>3</sup> dos militantes em diversas organizações e a Teoria de Mobilização de Recursos (TMR) nos recursos materiais.

---

<sup>3</sup> Ver a noção de multiposicionalidade em Goirand (2009).

As relações orgânicas ou de composição ocorrem pelo engajamento múltiplo, ou seja, a participação de um militante em diversos grupos e coletivos. No caso dos movimentos de juventude e movimento estudantil em Sergipe, essa relação é presente na militância de jovens do Levante Popular da Juventude e que atuam também no Diretório Central dos Estudantes da UFS, Universidade Tiradentes (UNIT) e coletivos como o Quilombo e o Partido dos Trabalhadores. Essa múltipla militância de jovens em diversos grupos no estado constitui um padrão de transição em alguns espaços de atuação política.

A juventude partidária do PSTU e sua atuação na UFS também constituem uma relação de composição do grupo. A organização da juventude do PSTU a partir de “núcleos” que ocupa os Centros Acadêmicos de diversos cursos é uma estratégia de mobilização e recrutamento da juventude, de inserção no espaço e debate do movimento estudantil universitário, mas também de busca por novos militantes e integrantes para o grupo (SANTOS, 2015). Além de a juventude partidária ocupar os espaços dos centros acadêmicos também atua na universidade a partir de suas ações com a Associação Nacional dos Estudantes Livre (ANEL) que, em Sergipe e nacionalmente segundo uma militante e dirigente da Anel e da juventude do PSTU e também candidata a deputada estadual em 2014, é composto em sua maioria por jovens militantes do PSTU.

As relações de apoio com recursos materiais são bastante nebulosas nos estudos da ação coletiva, na medida em que nos coloca em confronto com as fronteiras que definem o que é uma ação realizada em união com outro grupo ou somente um apoio com de materiais para um ato de protesto. Essas relações normalmente ocorrem com grupos que possuem afinidade de pautas ou de orientação política como a ALPV (Aliados Pelo Verso)<sup>4</sup> e o Levante Popular da Juventude de Sergipe, mas que não têm uma total integração de militantes que transitam, pelo engajamento múltiplo, entre os dois grupos. Ou seja, apesar das afinidades de pautas e de orientação política, não são interdependentes nos recursos humanos que compõem os grupos.

As afinidades de pautas, causas e demandas também constitui outra forma de relação entre os movimentos de juventude, os partidos políticos e o movimento estudantil. Em datas específicas e de realização de grandes atos como, por exemplo, o dia da Consciência Negra, a Marcha das Vadias, a Marcha da Maconha, a Parada LGBT e o

---

<sup>4</sup> Um grupo de jovens que, através do hip-hop, atuam nas periferias e possuem como pauta principal a discriminação e não visibilidade da juventude da periferia.

dia Internacional da Mulher, vários movimentos sociais, em específico, os de juventude e estudantis, assim como os partidos políticos, ONGs e outras entidades se reúnem e constroem atos e intervenções na cidade. Em observação participante na Marcha das Vadias em 2013, 2014 e 2015, eventos de protesto do movimento Não Pago nesses últimos dois anos e os Ciclos de Protesto de 2013 em Aracaju, por exemplo, estavam presentes representantes da juventude do PSTU, ANEL, juventude do PCB e o Coletivo de Mulheres de Aracaju, em todo o caso eram movimentos e coletivos que em outros momentos constroem suas causas a partir de estratégias de contestação distintas. É importante ressaltar que a presença desses grupos em atos de protestos não significa a integração entre os mesmos, em alguns casos são encontros conflituosos e que, somente a observação participante consegue perceber, por exemplo, a distribuição do tempo de fala para as lideranças de cada grupo no alto falante. De qualquer modo, esses ciclos de protesto, tendo em vista que são atos que acontecem anualmente preparados e elaborados, são momentos em que podemos perceber e apreender o cenário aracajuano dos movimentos de juventude, pelo menos aqueles ligado a esquerda que, em todo o caso, constituem grande parte dos movimentos juvenis.

A distinção entre esses três níveis de relação entre os movimentos de juventude e os partidos políticos em Sergipe demonstra a necessidade de investigação das fronteiras entre esses grupos. Como os relatos acima evidenciam, as ações práticas desses movimentos juvenis, em muitos casos, estão integradas a ações juntamente com o movimento estudantil e os partidos políticos. Nesse sentido, o ato em “deixar falar o objeto” como ressaltava Pechú (2007), nos transportam para além das distâncias entre movimentos sociais e partidos políticos enquanto objetos de pesquisa. Essa investigação se torna mais problemática na análise dos movimentos de juventude, na medida em que, aos jovens são dedicados uma imagem socialmente construída de grupos renovadores da ação política e contestadores da ordem estabelecida. Sendo assim, as formas de articulações e ações políticas juvenis passam pelo critério normativo da novidade.

Os exemplos acima sobre a atuação e organização do Levante Popular da Juventude e a juventude partidária do PSTU na Universidade Federal de Sergipe, constitui assim, casos exemplares e representativos das articulações dos movimentos de juventude, movimento estudantil e partidos políticos no estado. Posto isso, é possível afirmar que o cenário de participação política juvenil e estudantil em Sergipe é marcado pela atuação

dos jovens em vários movimentos sociais que, por sua vez, conformam redes de movimentos sociais (SHERER-WARREN, 2014) que interagem com a administração pública, especificamente com a participação de Marcelo Déda do Partido dos Trabalhadores no governo e Edvaldo Nogueira do PCdoB na prefeitura de Aracaju nos anos 2000, partidos políticos e outros movimentos sociais.

Com isso, os contatos entre esses diversos grupos que passam a compor os grêmios estudantis secundaristas e os centros de representação estudantil na universidade, como os próximos tópicos demonstram, estimulam a um conjunto de ações de improvisação nas dimensões organizacionais e dos repertórios de atuação. As improvisações surgem justamente no período em que novos atores surgem no cenário dos movimentos juvenis na cidade e propõem novos repertórios de ação e modelos de organização.

As próximas páginas do artigo mostram como, no movimento estudantil universitário e atos de protesto, a ideia de improvisação pode ser explorada para explicar o contato entre as diferentes formas de agir e se organizar politicamente empreendidas pelos jovens. No caso do movimento estudantil universitário, isso ocorre com a renovação de atores nas gestões do DCE da UFS e sua relação de desconfiança com a legitimidade dos estatutos que prescrevem formas de organização e ação política na universidade, por outro lado, nos atos de protesto, essa improvisação está situada em uma ação pública em que os atos de improvisação resultam, inclusive, em manifestações de violência simbólica.

### **Articulações e representações dos movimentos estudantis universitários e os partidos políticos**

Como alguns estudos demonstram (TATAGIBA, 2014; SOUSA, 2012) nas últimas décadas as formas institucionalizadas de ação coletiva têm sido contestadas e tem concorrido com formas alternativas de ação coletiva nos espaços políticos que são disputados por diferentes atores políticos e organizações políticas. Nesse sentido esse tópico chama atenção para algumas formas de relação, articulação e representação dos movimentos estudantis universitários com os partidos políticos na Universidade Federal



de Sergipe, ou seja, investigamos como alguns movimentos estudantis estabeleceram uma relação, se articularam e se representaram de formas diferenciadas a partir dos anos 2000 no espaço universitário.

Segundo Mesquita (2003) a estrutura tradicional das instituições do movimento estudantil ainda inibe formas alternativas de ação dentro dos espaços de representação estudantil. Contudo, como mostra o próprio autor e como exemplificaremos mais adiante, o surgimento de coletivos, de grupos independentes e de modelos de organização horizontais na última década tem configurado um novo perfil do movimento estudantil universitário, que esse artigo não tem intenção de se aprofundar, mas que sugere que esse novo perfil está vinculado à ampliação das formas de engajamento individual dos atores em espaços de reivindicação diferenciados, do surgimento de novos repertórios de ação e de que o sentido de autonomia e independência com relação aos partidos políticos definem o tipo de relação que o movimento estudantil terá com eles.

A partir da análise de documentos, vídeos e entrevistas semi-estruturadas com ex-presidentes do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFS, analisamos como era a relação, a articulação e a representação entre as gestões de 2000, 2007, 2010 e 2014 com os partidos políticos, e como essas quatro gestões se assemelham e se diferenciam a partir do modelo de organização reivindicado. Além disso, é importante salientar que história do DCE da UFS é marcada pela presença de partidos políticos na composição das chapas que disputam as eleições do Diretório, além disso, muitos ex-presidentes, principalmente da década de 80 e 90 se tornaram lideranças<sup>5</sup> de destaque na política partidária do Estado de Sergipe (D'ARC, 2009). A partir dos anos 2000 verificamos que a inserção dos ex-dirigentes do DCE na política partidária tem algumas continuidades, mas também transformações que concernem a uma ausência de ex-dirigentes do DCE se elegendos como vereadores, deputados, prefeitos ou governadores do estado. Mas ainda é possível observar que os ex-dirigentes se candidatam durante em eleições partidárias, mas não conseguem se eleger.

Nesse sentido, o espaço do DCE como um espaço que formava politicamente políticos de destaque já não se configura dessa forma a partir dos anos 2000, mas

---

<sup>5</sup> Jackson Barreto (PMDB) atual governador do estado de Sergipe, atuou como dirigente no movimento estudantil universitário, no centro acadêmico de Direito, na década de 60; Edvaldo Nogueira, ex-prefeito de Aracaju, atuou como presidente do DCE na década de 80; Marcelo Déda (PT) ex-governador do Estado, foi presidente do DCE na década de 80; Marcio Macedo (PT) ex-deputado federal, foi presidente do DCE na década de 90.

continua sendo um espaço disputado por diferentes forças políticas, ligadas ou não a partidos políticos. Observamos também que a partir desse período há uma participação maior dos militantes independentes na composição de forças para disputar as eleições do DCE, bem como para disputar outros espaços de representação estudantil. Com relação a isso, se destaca os modelos de organização horizontais que tentam quebrar com a lógica hierarquizada presente em alguns movimentos sociais, no modelo de organização do DCE, da UNE, etc. Nesse sentido, tentamos empreender a discussão sobre as formas de improvisação na atuação e organização presente no movimento estudantil universitário e em atos de protestos, como os Acorda Aracaju destacando justamente a emergência ou tentativa de alguns atores se organizarem a partir de outros modelos de organização ou a partir de outros repertórios de atuação, seja no espaço universitário ou em outros espaços públicos da cidade de Aracaju/SE.

Com relação ao movimento estudantil universitário da UFS, nos últimos anos, o que se observa é que a improvisação está relacionada diretamente a tentativa de romper ou de contestar os modelos de organização tradicionais e de certas composições de forças que são formadas para disputar espaços de representação política, e que em alguns momentos são formados majoritariamente por partidos políticos. Como alguns trabalhos demonstram (MESQUITA, 2003; MISCHÉ, 1992; 2008; SOUZA, 2012) a relação entre movimento estudantil e partidos políticos nas últimas décadas, e mais precisamente, a partir dos anos 2000 tem se dinamizado, se transformado e isso implica na emergência de novos atores políticos, ou ainda, em formas de improvisação que possibilitem resistir ou se articular com os partidos políticos, sem necessariamente serem filiados a eles ou militarem através dele.

### **Gestões do DCE: modelos de organização, mediadores e origem social como legitimidade política**

Para dar conta de demonstrar como ocorre aquilo que estamos chamando de “formas de improvisação”, que seria maneiras alternativas de atuar, reivindicar e se organizar dos jovens, que se apresentam principalmente “na situação” em que esses atores ou as lideranças do grupo que eles fazem parte não tem controle da ação e dos acontecimentos que podem mudar o seu planejamento inicial, seja em um protesto

público como as manifestações de 2013, seja em assembleias estudantis, ou ainda, em um processo eleitoral para o DCE. Dessa forma, nesse tópico analisamos quatro gestões do DCE que atuaram em 2000, 2007, 2010 e 2014, e que são gestões exemplares para demonstrar tanto essas formas de improvisação, quanto também continuidades e transformações nas dinâmicas de organização do movimento estudantil universitário, bem como a sua relação com os partidos políticos e a defesa de determinadas demandas.

A chapa dos anos 2000, intitulada *Com Posição* surgiu de reuniões, conversas e articulação política entre militantes independentes e a juventude militante do PCdoB. O presidente da chapa era Rômulo Donato, segundo ele desde quando entrou na UFS no ano de 1995, no curso de geografia e depois no ano de 1997 quando trocou o curso para fazer direito, sempre atuou na oposição ao DCE, uma vez que não concordava com o modelo de organização e de representação dos estudantes. A partir disso, o ex-dirigente começou a participar de reuniões do grupo de oposição ao DCE que no período era a Juventude Ativa<sup>6</sup> e o PCdoB, essa aliança entre essas duas organizações não continuou na eleição dos anos 2000. Segundo Donato a Juventude Ativa estava fragilizada e deixou de existir no final da década de 90, momento em que o PCdoB já estava afastado do grupo. Quando a chapa *Com Posição* foi formada, os militantes do PCdoB que se articulava com os militantes que formavam a Juventude Ativa, foram convidados a sair da composição da chapa para disputar as eleições dos anos 2000. Além da saída do partido, o ex-presidente ressalta que também os militantes mais experientes que faziam parte do grupo se afastaram ou terminaram o curso, ficando apenas os militantes mais independentes, que foram intitulados pelo grupo concorrente de “puristas”.

*Aí nos organizamos, dispensamos elegantemente, lógico que eles não gostaram, claro o PCdoB, ficaram indignados e a gente achou não, e a gente não acha que esse grupo está errado esse tipo de política, de que é dando que se recebe, do jeitinho, presentinho, da festinha. Aí a gente saiu para o embate, sozinhos. Qual eu era o grupo da gente? Político, articulação de esquerda, mas tinham vários colegas também que não tinha vinculação partidária nenhuma. Eu tinha vinculação estreitíssima com a articulação de esquerda, tanto que apoiava o padre Isaías pra deputado, apoiava Ana Lúcia, até hoje tem pessoas que eu tenho o*

---

<sup>6</sup> Segundo Rômulo Donato a Juventude Ativa deixa de existir no final da década de 90 por conta de conflitos internos.

*maior respeito, mas não tenho mais contato nenhum com eles, mas respeito. (Ex-presidente do DCE, Rômulo Donato).*

Sem dúvida a presença da juventude independente, ou como foi classificada, “purista”, tem um impacto nas formas de atuação, na relação e na representação que o movimento terá com os partidos políticos que o apóia. O questionamento de uma política institucionalizada e baseada na troca de favores começa a ser avaliada e confrontada por jovens que buscam espaços políticos onde eles possam expressar as suas próprias reivindicações, seus próprios anseios, que também são compartilhados por outros jovens no espaço universitário (FORACCHI, 1972). Contudo é preciso ressaltar que, assim como Rômulo Donato (presidente gestão 2000) e Kailiany Varjão (presidenta gestão 2001) em entrevista, a presença dos partidos é importante na organização e continuidade do movimento estudantil universitário, o que não deve acontecer é os interesses do partido se impor ao movimento. Como coloca Kailiany Varjão, os grupos que formaram as chapas *Com Posição* e *Mantendo a Posição* se desfez – tudo indica – pelo fato de não ter feitos alianças de forma mais orgânica<sup>7</sup> com partidos políticos, por não ter aceitado uma política que se baseava no “discurso e não na prática”, e também pelo fato dos estudantes que participavam serem “estudantes profissionais”, termo utilizado por Rômulo para definir que eles eram militantes, mas também eram regulares no curso que faziam.

De fato é importante ainda ressaltarmos que a relação, a articulação e a representação entre essa gestão e os partidos políticos, era uma relação ambígua, apesar das tentativas de improvisação de contestação da dinâmica que prevalece no movimento estudantil universitário da UFS, ou seja, a relação de troca de favores entre os militantes do movimento seja de base ou geral, com os partidos políticos. Essa relação ambígua se apresenta a partir da mobilização de recursos, principalmente materiais, que era mobilizado a partir da prefeitura, do Estado, dos próprios políticos partidários ou de políticos específicos, do apoio à candidatura de determinados políticos de esquerda, etc. Nesse sentido, em determinadas situações são reafirmadas as ambiguidades e uma relativa diluição das fronteiras entre movimento estudantil universitário e partidos políticos, ou em uma discussão mais ampla sobre política institucional e política não

---

<sup>7</sup> Introduzir as pautas dos partidos dentro da agenda de pauta do DCE, participar do jogo político das trocas de favores e por não ter majoritariamente na chapa militantes que militassem em partidos políticos.

institucional. Além disso, apesar da tentativa de “improvisar” uma nova forma de fazer política no movimento estudantil, ou seja, a partir de uma relação diferente com partidos políticos, aquela que não se baseava na “troca de favores”, o que podemos observar a partir dessa gestão é que ela se insere e/ou representa um novo quadro de manifestação, de reivindicação, de padrões de relação com as instituições e seus agentes que não víamos antes dos anos 2000.

A próxima gestão que será apresentada, também se insere e/ou representa uma nova dinâmica de atuação política dos jovens a partir dos anos 2000. Apesar da vinculação partidária por parte de algumas lideranças tanto da gestão *Com Posição* quanto “*Amanhã há de Ser Outro Dia*” serem muito estreitas, essas gestões resistiam às formas hierarquizadas e/ou hegemônicas de organização que estavam presentes nos centros acadêmicos, na relação com reitoria, no DCE da UFS, bem como nos congressos da UNE, na relação com reitoria, etc., e que, em alguns espaços, se organizavam majoritariamente a partir dos interesses e do modelo organização dos partidos que os apoiavam.

A outra gestão que possibilita perceber as formas de improvisação, de transformações, bem como uma resistência aos modelos hierarquizados que predominam nas formas de organização dos movimentos estudantis da UFS, é a gestão *Amanhã há de Ser Outro Dia*, de 2007. Foi algo peculiar na história do movimento estudantil da UFS a formação dessa chapa, formada por militantes majoritariamente independentes, mas também por militantes do PT, do PSOL, da Consulta Popular, por missionários católicos, por militantes de base, ou seja, que atuavam apenas nos Centros e Diretórios Acadêmicos dos seus cursos, ou que eram apenas de movimentos sociais que atuava extra universidade, defenderam um modelo de organização horizontal. Segundo a ex-presidente<sup>8</sup>, eles defendiam um modelo coletivo ou cooperativista de gestão, em que todos cooperavam conforme a disponibilidade de tempo e que todos poderiam participar, independente do partido ou movimento social que fizesse parte, a única exigência ou limite estabelecido para a entrada era que defendesse uma política de esquerda ou que não tivesse uma postura de direita, segundo a ex-dirigente em alguns momentos eles

---

<sup>8</sup> Em entrevista Vanessa Paloma disse que não se considerava muito presidente da chapa, uma vez no modelo que eles defendiam esse cargo não existia, ou pelo menos para eles não fazia importância, tanto que segundo a ex-dirigente, ela não era a pessoa mais indicada para um entrevista, pois ela em alguns momentos de sua gestão não foi a mais ativa.

foram considerados de anarquistas, mas havia apenas alguns militantes que eram anarquistas dentro da gestão.

Segundo Vanessa Paloma um dos maiores desafios da formação da chapa e depois da atuação da gestão, foi a estrutura hierarquizada e fechada dos estatutos que regem o DCE e os Centros Acadêmicos. Por exemplo, para concorrer às eleições do DCE a Diretoria Executiva tem que ser formada por um presidente, um vice-presidente, primeiro e segundo secretário geral, secretário de finanças ou tesoureiro, secretário de esporte, secretário de imprensa, e seus respectivos suplentes, basicamente essa é a estrutura da Diretoria. No entanto, como a gestão de 2007 não aceitava essa estrutura fechada, que estava presente também nas eleições para os Centros Acadêmicos, improvisou uma alternativa para isso. Mesmo sendo contra esse modelo vertical de organização, a chapa oficialmente teve que se enquadrar no que dizia as diretrizes e normas do estatuto do DCE, para poder participar das eleições, e posteriormente para conseguir participar dos espaços de representação, bem como para se relacionar com a reitoria.

No entanto, esse enquadramento não impossibilitou que os militantes agissem a partir do modelo de cooperativa idealizado por eles. Segundo Vanessa, quando era convocada para reuniões ou eventos que exigia a presença do presidente do DCE, nem sempre ela comparecia, e outros membros da chapa iam representá-la, podia ser o vice-presidente ou o secretário geral, ou qualquer outro membro da diretoria, uma vez em que eles defendiam o modelo de cooperativa. Mas isso gerava alguns problemas para chapa, segundo a ex-dirigente, algumas vezes houve discussões com o reitor, pois o mesmo não aceitava a presença de outro dirigente do DCE que não fosse à presidenta. Isso implicava na realização de algumas ações por parte da gestão, uma vez que as relações com a reitoria não era amistosa.

Como mencionado em outro momento, Mesquita (2003) chama atenção justamente para a estrutura fechada e hierarquizada das entidades representativas dos estudantes, desde os estatutos dos centros acadêmicos até os congressos nacionais de estudantes, ainda há, como o autor observa, uma forte inibição e restrição às formas que se mostram contrárias ou apenas diferentes ao modelo hierarquizado dos estatutos e diretrizes que orientam as entidades, nesse caso o DCE. Nesse sentido é importante resgatar a fala da presidenta Vanessa Paloma:

*[...] uma coisa importante que o Movimento Resistência e Luta fez o tempo todo, era ter uma gestão coletiva dentro do próprio movimento, então a gente sempre discutiu isso, a horizontalidade das discussões porque primeiro que a gente se sentiu usado na outra gestão do PT que estava no DCE porque a gente viu que havia um movimento vertical, as vezes as decisões que cabiam ao DCE, as decisões importantes eles decidiam entre eles numa cúpula fechada, a cúpula era fechada com relação a isso, aí os encaminhamento vinham pra quem? Pra base, então a gente se sentiu por fora, usados, nós somos tarefeiros, nós assumimos a política da gestão, mas nós não discutimos a política da gestão, nós não temos nem peso, nem força, nem de opinião, a gente apenas implementa o que eles decidem, assumem a gestão mas não implementam, então a gente não queria nada do tipo mais disso, a gente não queria mais ser usado por nenhum movimento, por isso que a gente passou a partir daí a discutir a gestão participativa, a horizontalidade dos movimentos e isso a gente tinha também muita influência mesmo com a figura dos presidentes porque historicamente centros acadêmicos também são formados nessa estrutura, então nos estatutos inclusive, é difícil a gente até quebrar. A gente tentou quebrar isso, a gente tem que reformular o regimento todinho do nosso centro acadêmico, então a gente disse, olhe, independente de mudar ou não a gente não precisa fazer da forma como tá posta dentro do regimento, o regimento pode dá os nomes, mas na hora de botar a mão na massa vamos fazer algo diferenciado e foi o que a gente fez. (Ex-presidente do DCE, Vanessa Paloma).*

Sem dúvida, improvisar modelos alternativos de organização é uma característica que está presente principalmente nos movimentos sociais e nos protestos públicos que emergiram a partir dos anos 2000 (SANTOS, 2014; MISCHÉ, 1996; 1997; 2008; TATAGIBA, 2014). Mas é sabido, que essas mudanças ou “improvisos” utilizados pelos jovens também emergiram a partir de transformações sociais, econômicas, políticas e culturais, bem como, de conflitos e rupturas internas do movimento estudantil universitário da UFS, a partir dos anos 2000. Tais transformações, conflitos e rupturas geraram oportunidades políticas para a emergência de novos atores, de novos repertórios de ação dentro do movimento estudantil da UFS.

Desse modo ao analisar as formas de improvisação dos estudantes que militam dentro da universidade e que compõe chapas para disputar as eleições do DCE, foi possível perceber que: (i) houve uma mudança na relação entre partidos políticos e movimento estudantil, principalmente no que concerne a relação de troca de favores; (ii) os movimentos estudantis ou grupos de estudantes se manifestam e se organizam no espaço universitário independente da articulação com partidos políticos; (iii) uma diversificação nas causas defendidas, vinculadas principalmente a defesa de gênero e questões culturais; a emergência intensa de coletivos de juventude representando ou não partidos políticos. É importante salientar, como dito anteriormente, que essas constatações não resultam meramente da improvisação dos atores envolvidos durante situações de ameaça ou de “conforto” vinculadas ao movimento estudantil, mas que resultam também de uma conjuntura política, socioeconômica e cultural do período.

Com relação isso, observa-se que a participação dos partidos políticos no movimento estudantil tem se transformado ao longo das últimas três décadas (SOUZA, 2012), sendo que em determinados contextos os partidos políticos era um dos poucos espaços políticos em que os jovens se organizavam e tinham apoio, já em contextos mais recentes o espaço dos partidos políticos não representa para muitos movimentos estudantis um espaço legítimo, de confiança e de apoio político (MESQUITA, 2003; MISCHÉ, 2008). Nesse sentido, as entrevistas revelaram algo interessante sobre a relação entre partidos políticos e movimentos estudantis, que é uma relação em que as fronteiras são relativamente frouxas que precisam ser constantemente vigiadas. Para Vanessa a relação entre partido político e movimento estudantil é importante no sentido que

*Tira a universidade do eixo universidade, do seu umbigo universidade e leva pra dentro da sociedade e traz pautas que são especificamente da sociedade, da realidade social que a gente vive e isso foi uma contribuição enorme de quem estava dentro do partido trouxe para nós. “Olha a gente tá discutindo essas questões aqui no partido que a gente acha importante também ser discutida dentro do movimento”, e a gente discutia coletivamente o que a gente achava que era importante a gente aglutinava, mas o partido não engessou, não fez daqui do DCE um gabinete do partido A, B ou C, eu continuo sem partido nenhum.* (Ex-presidente do DCE, Vanessa Paloma).



Como Foracchi (1972) demonstrou no seu estudo sobre a juventude moderna – e mais precisamente sobre o movimento estudantil – o jovem que entra na universidade leva consigo todas as suas experiências, sonhos, desafios, problemas de origem social, financeiros e etc., diante disso, a concepção sobre a universidade pode variar entre os jovens estudantes. Para alguns deles, o espaço universitário representa apenas um espaço em que se aprende um conhecimento, um saber, uma técnica, para outros representa um espaço, além disso, tudo, de contestação, de revolução política, social e cultural. Essas concepções variam justamente pelas experiências pessoais, o tipo de participação política, a origem social, pelas redes interpessoais que eles estabelecem dentro e fora da universidade, etc. que possibilitam uma ou outra visão sobre a universidade. Para Mische (1997) para conhecer o modelo de organização de um movimento social, é preciso conhecer quem as experiências de vida e as redes interpessoais dos atores que fazem parte dele. A ex-presidenta Vanessa Paloma não foi à única que argumentou que a participação dos partidos políticos no movimento estudantil amplia a pauta de tal movimento, como também não foi a única que ressaltar a origem social humilde para justificar seu posicionamento político e sua forma de atuação no movimento estudantil universitário.

As duas próximas gestões analisadas têm um perfil diferente, segundo Mesquita (2003) existem alguns tipos de movimento estudantil: os orgânicos, normalmente são ligados a algum partido; os que expressão interesses temáticos, estudantes negros e executivas de cursos, por exemplo; e os que têm organização de grupo e não tem vínculo partidário, como os casos dos independentes e os anarquistas. Pensando a partir dessa classificação do autor, as duas próximas gestões podem ser classificadas a partir de um modelo orgânico do movimento estudantil, pois estabelecem vínculos diretos com partidos políticos, bem como foram formadas majoritariamente a por partidos ou por movimentos sociais que estabelecem vínculos diretos com partidos políticos.

A gestão *Integração Agora Só Falta Você*, de 2010, foi formada a partir de um modelo que atuava de forma mais próxima e declarada com os partidos políticos e com figuras partidárias, formada majoritariamente pela juventude do PCdoB, a União da Juventude Socialista- UJS e pelo PT, PSB, PMDB, ficou na direção do DCE por cinco

anos consecutivos, do ano de 2008 e 2013. Como dito anteriormente, é importante compreender o contexto político, econômico, social e cultural do período, para entender as transformações no movimento estudantil universitário. No caso específico dessa gestão entender o contexto da política local nesse período é fundamental. Durante o período que essa gestão ficou a frente da entidade Edvaldo Nogueira do PCdoB, militante do movimento no ano de 1983, foi prefeito de Aracaju durante 2006 a 2012, antes disso tinha sido vice-prefeito e antes vereador. Era um movimento estudantil orgânico, formado por uma juventude partidária, que socializava os projetos políticos, mesmo que indiretamente, do PCdoB.

Analisando essa gestão, que se assemelha a última que será analisada nessa sessão, verificou-se que sua permanência durante cinco anos e sua representatividade dentro da universidade se deve a alguns fatores: (i) a presença de políticos partidários do PCdoB na câmara de vereadores e na prefeitura de Aracaju que já tinham tido uma trajetória no movimento estudantil secundarista e universitário facilitou e possibilitou a entrada e permanência da juventude da UJS no DCE; (ii) a articulação da UJS no movimento secundarista possibilitava uma continuidade dentro do espaço Universitário; e por fim (iii) a mobilização de recursos humanos e financeiros por parte da gestão, possibilitava a manutenção de projetos voltados exclusivamente para os estudantes, bem como, para dispor de mais materiais e fiscalização nos processos eleitorais do DCE, uma vez que ocorria muita fraude.

A UJS historicamente teve uma forte atuação, tendo no movimento estudantil universitário, como no secundarista, e essa participação ativa no secundarista constitui uma rede que quando os estudantes secundários se tornam universitários, são mobilizados a atuar no movimento estudantil ou já entram atuando. Como essa relação entre partido, ou juventude partidária e movimento estudantil implica no modelo de organização e na representação estudantil através do DCE? O ex-presidente Antonino Cardozo, em seu relato sobre a participação de partidos políticos no movimento estudantil, dar elementos que pode esclarecer, ele diz o seguinte:

*As coisas são reforçadoras umas das outras né, é como hoje. Hoje se você for olhar pro DCE, o DCE hoje tem a cara de quem? Tem a cara do MST e do Jony... é efetivamente ou qualquer aluno mediano ali quando ele olha pro DCE ele vê isso né, ele consegue enxergar, tanto é*

*que se você pega as calouradas, pela primeira vez na história da universidade que uma calourada foi tomada pelo movimentos de luta pela terra,então no nosso caso lá não... poderia ser diferente né, a gente, a maioria dos militantes eram do PC do B, tinha na base o PSB que tinha um monte de cargo na prefeitura e que era aliado e tinha o PT, que também era o vice prefeito da nossa chapa e no final era assim, quando não era por uma via era por outra, quando Edvaldo resistia ia buscar Silvio Santos ou ia por outro instrumento que não fosse o próprio Valadares Filho, isso contribuiu muito pra nossa calourada, tinha uma estrutura que era uma estrutura... pública né, que a gente... que no final era essa a parceria... até hoje mesmo, as calouradas, o Governo do Estado, e que não tem nenhum problema nesse ponto de política, e politicamente o resultado nas eleições sempre apareciam né. (Ex-presidente do DCE, Antonino Cardozo)*

Os resultados apareciam nas eleições, sempre muito bem estruturadas as calouradas, sendo que esse momento não era apenas um ato festivo, era também um momento de recrutamento, de transmissão de visão de mundo e a proposta de gestão que os dirigentes pregavam, era um momento de anunciar os patrocinadores e de agradecer a eles os serviços e ajuda prestada para a realização do evento. Era o momento em que figuras políticas específicas ou partidos políticos, ou representações da prefeitura e do governo estavam presentes eram representados como apoiadores da ação estudantil e que dialogava com os interesses dos estudantes, era o momento de “pagar o favor”. A fala do ex-presidente Antonino Cardozo já nos leva para a última gestão analisada nessa sessão, a gestão *É Preciso Acordar* de 2014, que permanece atualmente, com outra nomenclatura, sendo intitulada agora *É Preciso Avançar*, que defende principalmente um “DCE Ativo e Popular”.

As gestões *É Preciso Acordar* (2014) e *É Preciso Avançar* (2015) foram formadas a partir da mesma composição política e construíram uma gestão que defende um DCE ativo e popular. O “ativo” para eles é uma forma de criticar a gestão anterior e já o popular é para demarcar o posicionamento político, que assume um posicionamento que também é dos movimentos sociais da luta pela terra, como MST e a Via Campesina, como também o Levante Popular da Juventude (LPJ) e de figuras políticas como o Deputado Federal João Daniel (PT) que é uma liderança também do MST. O LPJ é o

maior movimento de juventude que se articula no estado e dentro da UFS, os seus membros têm idades variadas e perfis socioeconômicos também diferenciados, nem todos estudam na Universidade, mas durante as eleições, durante calouradas ou assembleias estudantis todos os membros participam seja contribuindo com a propaganda da campanha, cantando e tocando nas festas, ou ajudam financeiramente e materialmente, etc. É um movimento que possibilita e permite uma rede de contatos diferenciada para os partidos ou para os políticos do qual é ligado, como também para o movimento e articuladores se manterem na direção do DCE.

A ex-presidenta Jessy Dayane e atual secretária de finanças relataram que a gestão foi composta pela Consulta Popular, Levante Popular da Juventude, com uma corrente dos Partidos Trabalhadores EPS (Esquerda Popular Socialista) que constrói o movimento estudantil a partir do coletivo Quilombo. Uma estratégia ou uma forma de improvisação é a ação dos partidos políticos por meio de coletivos, que no primeiro contato com os estudantes “leigos” não se revelam como um coletivo partidário. Diante da resistência e na falta de confiança dos jovens estudantes nas instituições políticas, particularmente nos partidos políticos (MISCHE, 2008), os partidos desenvolvem maneiras de atuarem nesse espaço sem que necessariamente se “mostrem”, e conseguem fazer isso a partir das suas redes de apoio dentro dos espaços de representação estudantil, centros acadêmicos e o DCE.

Com relação a isso, o projeto popular que essa gestão constrói dentro da universidade, além de revelar o jogo político e as formas de recrutamento e da construção de uma base eleitoral para determinados políticos partidários, revela ainda as formas de contestação da ordem, as formas alternativas de mobilização, o peso da origem social sobre o modelo de organização e bem como as formas de improvisação de um grupo político que detém experiência e de recursos financeiros. Como Foracchi (1972) chama atenção, os jovens quando entram na universidade estão numa fase de transição, é um momento novo, em que eles se confrontam com opiniões comuns, mas também com opiniões divergentes, com normas e regras que em suas concepções deles precisam ser contestadas. Além disso, os estudantes passam a ter outra identidade social, como mencionado anteriormente, a origem social humilde dos dirigentes, em alguns momentos é utilizada como um recurso para legitimação das pautas de reivindicação do DCE. Mostrando a importância de reivindicar não apenas questões vinculadas a condição de estudante, mas também a importância de contesta a situação de jovem na sociedade e

todos os problemas categóricos que afligem essa condição. Sobre isso, o relato a seguir sugere a vivência desse dilema identitário jovem/cidadão na experiência militante dos jovens na Universidade Federal de Sergipe:

*Então o estudante, ele não é só o estudante, ele é um cidadão como qualquer outro e passa por contradições como todo mundo, por isso que a gente entende que a concepção do movimento estudantil deve ser essa, ampla né, porque não faz sentido, por exemplo, a gente achar que o transporte não tem nada a ver com estudante, dicotomizar né, o que é ato do estudante e o que não é, porque o estudante faz parte da sociedade, então o estudante que vai de ônibus vai... é importante o transporte, pode não ser pra quem vai de carro, mas quem vai de ônibus é importante, para o estudante que mora de aluguel é importante moradia popular, ou seja, o movimento estudantil vai lutar por moradia popular, representa em parte o interesse de alguns estudante, os que não tem casa e paga aluguel. Eu, por exemplo, pago aluguel, e eu devo ser nessa história do movimento estudantil, talvez você consiga encontrar, constatar isso, mas devo ser a primeira presidente de origem popular, todo o histórico que eu conheço dos anos anteriores, talvez esse período da UJS tenha tido um ou outro também, assim, é talvez a UJS do PC do B tenha tido uma militância popular, assim, nem sempre esses populares assumem as direções né, mas eles têm, talvez encontre um ou outro, mas acho muito difícil que ache na história alguém que seja filho dessa variável que foi presidente do DCE. (Ex-presidenta e atual secretária de finanças do DCE, Jessy Dayane).*

Como vimos analisando outra gestão, a origem social e a socialização política em determinados espaços político, como em partidos políticos ou em movimentos sociais, implicam na concepção de universidade que os jovens terão, bem como no modelo de organização e nos repertórios de ação que escolhem para se manifestar na universidade.

Ao analisar as gestões de 2010 e 2014, que atuam de forma orgânica, ou seja, com vínculo partidário, percebemos que o que as lideranças disputam bem como os partidos

políticos é pela hegemonia, é pelos espaços de representação estudantil dentro da universidade, e principalmente é por uma juventude que não quer se tornar dirigente do DCE ou um militante profissional de partido político ou de movimento social, mas faz o trabalho de base no movimento estudantil, faz o trabalho de recrutamento que serve para sustentar, apoiar e dar condições para outras figuras que desejam se tornarem militantes profissionais e dirigentes.

Como já dizia Bourdieu (2011) o campo político é excludente, só quem participa do jogo político, é quem sabe jogar com a política ou jogar politicamente, nesse sentido, os espaços de representação estudantil, são excludentes e monopolizados, inibem a participação de jovens inexperientes na política, ou recrutam e formam politicamente jovens inexperientes para fazer, principalmente as atividades de base. As reivindicações dos estudantes serão atendidas ou priorizadas se tiverem dentro dos interesses da agenda do grupo político que comanda, alguns ex-presidentes mencionaram, o “DCE tem a cara de quem está no comando”, o estudante tem voz e pode participar do DCE se o posicionamento político dele for o mesmo do grupo político que está a frente ou se for simpatizante com a política que é feita. Democraticamente qualquer um pode participar da entidade desde que esteja matriculado, mas na prática, no cotidiano, só se mantem quem fizer o mesmo jogo político daqueles que estão comandando.

### **Situação, Improvisação e Atos de Protesto em Junho de 2013**

Esse tópico tem como objetivo analisar as ações de improvisação nas manifestações de Junho de 2013 na cidade de Aracaju e como, nessas situações específicas de negociação sobre o uso do espaço público e outros elementos que constituíram os atos de protesto naquele período, surgiram novas configurações no uso do espaço urbano da cidade como itinerários para movimentos sociais em 2015 e novos grupos. Em contextos marcados por oportunidades e ameaças a ação coletiva pode se apresentar de formas variadas (TATAGIBA, 2014, pág. 37) como os ciclos de protestos de junho de 2013, nesse sentido, essas manifestações se constituíram como situações-chaves para os atores envolvidos improvisarem repertórios de ação, reivindicações, formas organização, gritos de guerra, meios de comunicação, etc.

O Ciclo de Protesto de 2013 em Aracaju é um momento interessante para a exploração da noção de improvisação nos movimentos sociais, em especial aqueles protagonizados por jovens. Na capital sergipana, as manifestações ficaram conhecidas como Acorda Aracaju e teve a principal forma de mobilização da população e militantes através das redes sociais como o *facebook* onde alguns militantes criaram eventos com o nome Acorda Aracaju e o número da edição, tendo em vista que ocorreram cinco Acorda Aracaju entre os dias 25 de junho e 11 de julho de 2013. Nesses eventos eram discutidas, através de enquetes que seguiam de calorosos debates, algumas deliberações como o local onde seria realizado o evento, a presença de partidos políticos e sindicatos identificados com camisas, cartazes e etc., qual seria a forma de manifestação, o trajeto da manifestação, o uso de carros de som, alto falante ou microfone, qual o melhor horário da manifestação, qual seriam os “gritos de guerra” utilizados durante o ato e etc.

*1. Você prefere que hajam ligações com partidos? (Por favor partidos respeitem nossa escolha, aqui que fazemos o movimento, então respeitem as regras o movimento é NOSSO, DO POVO)*

*Sim: 59*

*Não: 912*

*2. O que devemos fazer se por acaso os oportunistas partidários entrarem no meio com suas bandeiras?*

*Tomar as bandeiras e rasgar: 49*

*Vaiar e excluí-lo da multidão: 170*

*Ignorar: 370*

*3. O que podemos fazer se identificarmos vândalos atrapalhando a manifestação?*

*Tirar foto e denunciar: 276*

*Sentar para a polícia identificar o mais rápido e agir!: 445*

*Dar uma vaia: 83*

*4. Qual percurso devemos seguir?*

*Beira mar>13 de Julho>Palácio: 1.105*

Essas são algumas das enquetes com as três primeiras respostas com mais adesão de votos. É importante ressaltar que houveram mais possibilidades de respostas, mas foram escolhidas as mais votadas, na medida em que revelam os principais debates que estavam ocorrendo naquele momento. Posto isso é preciso destacar dois elementos que contribuíram para compor a situação e o cenário, no sentido atribuído por Goffman (2009), que estimularam a improvisação naquele período. Primeiro, a inserção de diversas pessoas e outros movimentos de juventude no Acorda Aracaju, inclusive jovens que saíram de suas cidades no interior ou estiveram no evento a partir de atividades escolares no ensino secundário. E segundo, que também é consequência do primeiro elemento destacado, a heterogeneidade de visões de mundo e percepções sobre a situação do país naquele momento compunha os atos de protesto com cartazes e “gritos de guerra”.

A popularização das Manifestações de Junho em 2013 com a intensa publicação de matérias em jornais em rede nacional de televisão e a ampla visibilidade nas ruas pela amplitude dos protestos que alteraram a rotina dos centros urbanos com as mudanças de horário de funcionamento das lojas e a mudança nos itinerários dos ônibus coletivos, junto com a convocação da população pelas redes sociais e *facebook*<sup>9</sup>, são os principais elementos que contribuíram para a inserção de vários atores com características sociais distintas nas manifestações. Eram os *punks*, os skatistas, as juventudes partidárias, os movimentos sociais, grupos religiosos, movimentos sociais, associações de bairro, pessoas curiosas que desciam dos ônibus pela imobilidade urbana ou pelo interesse em saber o que estava acontecendo ou por algum descontentamento que estavam presentes e, direta ou indiretamente, compunham os atos de protesto.

A inserção de novos atores, fenômeno que ocorreu nas Diretas Já e Fora Collor (MISCHE, 2008), aconteceu nas Manifestações de Junho de 2013 em Aracaju e foi determinante para a adoção da 13 de Julho como nova via urbana de protestos nos

---

<sup>9</sup> O uso das redes sociais tem sido um elemento importante e destacado pelos estudos sobre os protestos de Junho de 2013. Ver (TATAGIBA, 2014; GOHN, 2014 ; SHERER-WARREN, 2014).



protestos pelo *impeachment* da presidente Dilma em 2015 e o surgimento do Coletivo Debaixo. A adoção da 13 de Julho como um cenário privilegiado para manifestações do #ForaDilma promovida pelos movimentos Muda Brasil, Movimento Brasil, #VemPraRua e Liberte-se em 2015 demonstrou como as Manifestações de Junho de 2013 promoveu a emergência e oportunidades políticas para novos atores políticos se manifestarem, pois o perfil dos militantes que se manifestam nesse espaço se diferencia daqueles militantes que se manifestam em espaços que historicamente são escolhido pelos movimentos sociais, principalmente de esquerda, para se manifestarem, exemplo desses espaços são as praças da cidade e o centro comercial. Improvisar ou optar por espaços alternativos aos tradicionais, também é uma forma de demarcar uma identidade do movimento e daqueles membros que fazem parte dele, nesse sentido, o movimento Liberte-se que atua também na UFS é reconhecido e as próprias lideranças do movimento se reconhecem como um movimento de direita.

O Coletivo Debaixo, movimento de juventude atuante em Aracaju e que tem como principais pautas a democratização cultural e o direito à cidade, surgiu no cenário sergipano a partir da ocupação do viaduto do DIA, localizado no Distrito Industrial da cidade, durante as manifestações de Junho de 2013. Os próprios militantes afirmam que é naquele momento que surge a ideia de criar um coletivo que ocupe o espaço do viaduto que se tornou um marco das manifestações. A primeira ocupação do grupo aconteceu no dia 17 de setembro de 2013 e, até os dias de hoje, o Coletivo Debaixo realiza o Sarau Debaixo todos os meses no viaduto do DIA com intervenções culturais e manifestações políticas, mobilizando assim, vários jovens que festejam e protestam no evento. Sendo assim, o que destacamos nesse artigo, é a influência de um aspecto contingencial, haja vista, a improvisação na disputa pelo trajeto do Acorda Aracaju em 2013 que culminou em uma divisão na rota<sup>10</sup> do protesto, para o surgimento de um coletivo.

O Coletivo Mão Roxa em defesa dos direitos de gênero e a liberdade sexual, participaram dos protestos de Junho/2013, não necessariamente defendendo a redução da tarifa do transporte público que entre a heterogeneidade de pautas presente nos Acordos se destacava e era representada pelo Movimento Não Pago, mas sim porque o Coletivo Mão Roxa, assim como outros, se sentiu ameaçado tanto em relação a sua sobrevivência, quanto

---

<sup>10</sup> Que refletia, naquele momento, também uma divisão de público e de composição que compunham a manifestação.

aos seus interesses. Nesta mesma perspectiva podemos pensar também nas disputas e nos conflitos entre estes movimentos que se equivalem ou que são opostos, mas disputam por espaço e pela legitimação de uma causa diante do espaço público (BOURDIEU, 2011; TARROW, 2009; MISCHÉ, 1997; OLIVEIRA, 2009). Como ainda, podemos pensar na ocupação de novos espaços, como o Bairro 13 de Julho, a Avenida Beira Mar e o Viaduto do DIA, que antes não eram espaços privilegiados pelos movimentos sociais e começaram a ser principalmente a partir do ano de 2014. Os dois primeiros bairros são privilegiados por uma juventude de conservadora e liberal, bem como empresários, médicos, arquitetos, advogados, políticos partidários, vinculados aos Muda Brasil, Movimento Brasil, #VemPraRua e Movimento Brasil Livre. Já o terceiro espaço, o Viaduto do DIA, é ocupado pelo Coletivo Debaixo, que em sua composição tem militantes filiados ou simpatizantes principalmente de partidos da extrema esquerda, como PSOL e PSTU.

## **Conclusão**

A presente comunicação é fruto de algumas pesquisas e debates desenvolvidos no Laboratório do Estudo do Poder e da Política (LEPP) na Universidade Federal de Sergipe, que tentam compreender os processos de engajamento individual de jovens militantes em partidos políticos e no movimento estudantil universitário de Sergipe. Para isso, o *paper* analisa os repertórios de ação e modelos organizacionais utilizados pelas juventudes partidárias, movimentos de juventude e movimento estudantil universitário, assim como, a intersecção desses grupos em vários espaços como a universidade e os atos de protesto. Neste último ponto, a intersecção desses movimentos de juventude e estudantis tem produzido em Aracaju um conjunto de formas de “improvisações” no que consiste às formas de agir e se organizar.

As improvisações ocorrem, como o artigo buscou ressaltar, a partir da 1) introdução de novos atores nas gestões do DCE da UFS e nas manifestações de rua, em especial, aquelas que aconteceram em Junho de 2013 em Aracaju, 2) da alteração do quadro de jovens militantes em gestões do DCE e que, nas últimas gestões, têm questionado as formas de organização “hierarquizadas” e “burocratizadas” e 3) a partir de disputas pela legitimidade de formas de organização “horizontalizadas” que

estimulam a busca por novos modelos organizacionais. Essas ações de improvisação, sim, são acontecimentos, em parte, contingenciais – principalmente nos atos de protesto onde esses jovens organizados precisam lidar com novas demandas e exigências de um novo público, ou seja, dos novos jovens inseridos nas manifestações –, mas também ações pragmáticas a partir da disputa de projetos políticos que, através da busca por modelos organizacionais “horizontalizados”, criam discursos que tem como objetivo deslegitimar aqueles jovens atuantes em partidos políticos ou outras organizações “tradicionais” e com burocracia verticalizada. É importante ressaltar que possuir uma estrutura de organização “horizontalizada” ou “verticalizada” precisa ser observado enquanto um problema dos movimentos sociais – e que não é recente como demonstra Mische (2008) – mas que, enquanto problema sociológico, se impõe ao pesquisador no nível da gramática política utilizada pelos jovens. Essa gramática política, como podemos perceber, está relacionada com o contexto de alianças e disputas políticas dos movimentos sociais de juventude em Aracaju, seja nas gestões do DCE ou na disputa pelo recrutamento de jovens nas escolas, nas universidades ou atos de protesto.

## Referências Bibliográficas

BORDIEU, Pierre. O campo político. In: **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 3, nº5. Brasília, jan./jul., 2011, p. 193-216.

COMBES, H. Pour une sociologie du multi-engagement: réflexion sur les relations partis-mouvements sociaux à partir du cas mexicain. In: **Sociologie et Sociétés**, vol. 41, n. 2, pp.161-188, 2009.

CRUZ, J. V. da. **Da autonomia à resistência democrática: movimento estudantil, ensino superior e a sociedade em Sergipe, 1950-1985**. Tese de Doutorado (História) – Universidade Federal da Bahia, 2012.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009.

GOHN, M. da G. Sociedade Brasileira em Movimento: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais. In: **Cadernos CRH**. Salvador, v. 27, n.71, maio/ago. 2014, p. 431-441.

GOIRAND, C. Movimentos sociais na América Latina - elementos para uma abordagem comparada. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Dez 2009, vol.22, no.44, p.323-354.

GOLDSTONE, J. A. More social movements or fewer? Beyond political opportunity structure to relational fields. In: **Theory and society**, v. 33, p. 333-365, 2004.

LISBOA, A. E. dos S. **Movimento estudantil secundarista: juventude, militância, engajamento e a luta política da USES em Sergipe**. Monografia de Conclusão de Curso (Ciências Sociais) – Universidade Federal de Sergipe, 2015.

MARCON, F.; FILHO, F. de S. Estilo de vida e atuação política de jovens ligados ao hip-hop em Sergipe. In: **Peças e engrenagens dos jogos políticos no Brasil**. São Leopoldo: Oikos, São Luís: EDUFMA, 2012, pg. 231-255.

MESQUITA, M. R. Movimento estudantil brasileiro: Práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 66, Outubro 2003: 117-149.

\_\_\_\_\_. Cultura e política: A experiência dos coletivos de cultura no movimento estudantil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 81, Junho 2008: 179-207.

MISCHE, A. Redes de Jovens. In: **Teoria e Debate**, v.31,1996.

\_\_\_\_\_. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. **Revista Brasileira de Educação**, Vol 6, 1997, p. 134-150.

\_\_\_\_\_. **Partisan Publics: Communication and Contention across Brazilian Youth Activist Networks**. Princeton, University Press, 2008.

PECHÚ, C. “Laissez parler les objets!”: de l’objet des mouvements sociaux aux mouvements sociaux comme objets. In: FAVRE, Pierre, FILLIEULE, Olivier et JOBARB, Fabien. **L’atelier du politiste. Théories, actions, représentations**. Paris, La Découverte/PACTE, 2007, p. 59-78.

SANTOS, Adrielma Silveira dos. **Movimento Não Pago: Emergência E Condições De Representação no Cenário Público de Aracaju/Se**, 2014. Monografia de Conclusão de Curso (Ciências Sociais) – Universidade Federal de Sergipe, 2014.

SANTOS, J. V. **Juventudes partidárias em Sergipe: organização, formas de atuação e engajamento militante**. Aracaju. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de Sergipe. 2015.

SHARREN-WARREN, I. **Redes de Movimentos Sociais**. Ed. 6. São Paulo: Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. In: **Caderno CRH**. Salvador, v. 27, n. 71, maio/ago. 2014, p. 417-429.

TATAGIBA, L. 1984, 1992 e 2013. Sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil. **Política & Sociedade**, Florianópolis-Vol. 13-Nº 28-Set./Dez.de 2014.